

## (INTER)SUBJETIFICAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE [POR CONTA DE(X)]<sub>CAUSAL</sub> NA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

(INTER)SUBJECTIFICATION IN THE CONSTRUCTIONALIZATION PROCESS OF THE CONSTRUCTION [POR CONTA DE(X)]<sub>CAUSAL</sub> "ON ACCOUNT OF(X)" IN PORTUGUESE: A DIACHRONIC ANALYSIS

Sueli Maria Coelho<sup>1</sup>

Luís Filipe Lima e Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir da observação de 437 dados representativos de oito séculos de Língua Portuguesa (séc. XIII ao séc. XX), coletados no *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006), investigou-se o processo de mudança linguística que originou a construção causal [por conta de(X)] no português. O estudo adotou uma perspectiva de análise que considera a natureza intersubjetiva da língua(gem) (Traugott, 2010; 2014). A investigação empreendida revelou que a propriedade de estabelecer uma relação de causa entre dois termos, que configura uma função gramatical desse pareamento forma-sentido, emerge na língua no séc. XVI, a partir de um processo de abstração semântica que aflora no século anterior. Até esse período, empregava-se a construção [por conta de(X)] apenas em seu sentido concreto, para marcar relações ligadas ao universo da economia. No século XV, registra-se uma expansão semântica que, mediante um mecanismo de subjetificação, estende os sentidos da construção para o campo das relações sociais. Os sentidos já subjetificados passam, no século seguinte, a codificar sentidos centrados no interlocutor, o que configura a intersubjetificação, responsável pela sacração da mudança linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intersubjetividade. Mudança linguística. Construção causal.

### ABSTRACT

From the analysis of 437 data representing eight centuries of the Portuguese Language (13th century to the 20th century), we investigated the process of linguistic change that gave rise to the causal construction [por conta de(X) "on account of (X)"]. This study adopted an analytical perspective that considers the intersubjective nature of language (Traugott, 2010; 2014). The investigation undertaken have revealed that the property of establishing a causal relationship between two nominal terms emerges in the language in the 16th century, based on a process of semantic abstraction that emerged in the previous century. Until this period, the construction was used only in its concrete sense, to mark relationships related to the universe of economics. In the 15th century, there is a semantic expansion via subjectification that extended the meanings of the construction to the field of social relations. In the following century, the subjectified construction started to encode meanings centered on the interlocutor via intersubjectification, process responsible for the consecration of linguistic change.

**KEYWORDS:** Intersubjectivity. Language change. Causal construction.

### Considerações iniciais

A máxima laboviana de que a variação e a mudança linguística são inerentes às línguas

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [sucoelho@ufmg.br](mailto:sucoelho@ufmg.br), <https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), [luisf.1397@gmail.com](mailto:luisf.1397@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0003-0188-2861>.

humanas, porque estas servem à interação e, conseqüentemente, estão sujeitas à interferência do falante tende a ser ponto pacífico no campo dos estudos linguísticos. Quando se pensa no papel do falante no processo de mudança, há, contudo, uma tendência a se associá-lo prototipicamente ao EU, ignorando-se, assim, o caráter dialógico da língua(gem), conforme postulado por Bakhtin (1999 [1920]) e ressaltado por Benveniste (1989 [1966]), quando da proposição do aparelho formal da enunciação. Sob esse ponto de vista, não se pode desconsiderar que o termo *falante*, enquanto agente do processo de variação e mudança linguística, deve ser concebido numa perspectiva de mão dupla, já que o EU se alterna com o TU no processo de interação. Isso implica assumir, portanto, que tanto o EU quanto o TU estão diretamente imbricados no processo de mudança linguística, não só porque ambas as pessoas se alternam nos turnos de fala, como também, e principalmente, porque a mudança linguística pressupõe tanto a intencionalidade do falante quanto o modo como esta é recebida/processada pelo ouvinte, com base no conhecimento partilhado e nas experiências de ambos. É, portanto, essa dinâmica envolvendo as duas pessoas do discurso que estamos concebendo como *intersubjetividade* no processo de mudança linguística<sup>3</sup> e é sob essa perspectiva que pretendemos analisar, nos domínios deste artigo, o processo de mudança linguística que deu origem à construção [por conta de(X)]<sup>4</sup> na língua portuguesa, em contextos como os apresentados a seguir, coletados no *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>)<sup>5</sup>:

- (1) “O país enfrenta uma onda de rebeliões em cadeias e presídios **por conta de** maus tratos e explosão populacional”. (séc. XX)
- (2) “Enquanto a PM tem uma certa dificuldade junto à população, **por conta da** violência, o bombeiro é uma instituição leve [...]” (séc. XX)
- (3) “[...] nenhum séquito tinha que o seguisse, nem quem lhe adiantasse um ceitel **por conta da** conjuração [...]” (séc. XIX)
- (4) “[...] não podem eles passar e, **por conta disto**, saíram de suas terras jurando pelas almas [...]” (séc. XVIII)

Uma primeira generalização que emerge dos dados acima é a semelhança de valor funcional: nos quatro contextos apresentados, representativos de três séculos de língua portuguesa, a construção [por conta de(X)] instancia uma relação causal, a exemplo da construção [por causa de], já documentada na língua em período bem anterior, certamente por ser mais composicional, mais transparente e, conseqüentemente, menos abstrata, nos termos de Traugott e Trousdale (2013):

<sup>3</sup> Cf. também López-Couso (2010), Boye e Harder (2014), Linell (2014), Aijmer (2020), Brems (2021), Traugott (2022), Enfield e Sidnell (2022), Jarrett e Amaral (2023), entre outros.

<sup>4</sup> Na construção [por conta de(X)], (X) representa uma possível combinação da preposição [de] com artigos e pronomes, como [por conta d(a) confraternização], [por conta d(ele)] etc.

<sup>5</sup> Todos os dados apresentados ao longo deste texto foram coletados na base de dados do *Corpus do Português*, na interface de dados históricos (Davies; Ferreira, 2006), conforme descrito na seção 2, destinada à descrição da metodologia adotada. Portanto, a partir de agora, ao se apresentarem os dados, não será indicada a fonte, senão apenas o século da ocorrência.

- (5) “Carta de contenda entre o Rei e Paio Anes de Loiras **por causa duns** moinhos e outros bens que foram de Urigo Rodrigues”. (séc. XIII)

Tal semelhança funcional tem promovido não só o aumento da frequência gramatical da construção [por conta de(X)] na contemporaneidade, conforme será mostrado na seção de análise dos dados, como também discussões<sup>6</sup> acerca da adequação de uso de uma expressão pela outra, fato natural quando do processo de variação entre duas ou mais formas linguísticas, sobretudo em se tratando da forma inovadora comparativamente à forma padrão.

Outra reflexão que os dados apresentados evocam diz respeito à semelhança de padrão da construção [por conta de(X)] não apenas com a construção [por causa de(X)], mas também com outras como [por receio de(X)], [por meio de(X)], [por cima de(X)], [por trás de(X)] ..., o que indicia a influência do mecanismo da analogização (Cf. Traugott; Trousdale, 2013). Embora nem todas instanciem o mesmo valor de verdade, apresentam uma forma abstrata comum, a saber, [preposição POR, NOME<sup>7</sup>, preposição DE(X)], o que mostra que esse é um padrão construcional produtivo na língua em se tratando de locuções prepositivas e, portanto, um esquema cognitivo familiar ao falante, o que, em tese, favorece a mudança linguística e a ampliação das possibilidades do sistema (Bybee, 2001, 2003).

Identificado o valor causal da construção que elegemos como objeto de nosso estudo, cabe-nos tentar entender o processo de mudança que permitiu que o *slot* do NOME fosse preenchido pelo substantivo *conta* e como isso culminou num novo pareamento forma-função na língua. Antes, contudo, de procedermos ao cumprimento de nosso objetivo, julgamos relevante tratar da intersubjetividade não apenas enquanto uma característica geral das línguas, mas também enquanto elemento subjacente ao processo de variação e mudança linguística, o que será abordado brevemente na primeira seção deste texto, assim como o conceito de *construção* assumido. Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta dos dados que serviram de base para nossa análise, apresentada na terceira seção, à qual se seguem nossas considerações finais.

## 1. A natureza intersubjetiva da língua(gem) e seu papel latente no processo de mudança

A natureza subjetiva da língua(gem) tornou-se célebre a partir do pensamento de Benveniste (1989 [1966]). Segundo postulou, “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua” (p. 83). Entretanto, desde que “se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si [...]. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente,

<sup>6</sup> Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/duvidas-portugues/por-causa-de-ou-por-conta-de-qual-e-o-certo>. Acesso em: 21 jan. 2024.

<sup>7</sup> O termo NOME na representação abstrata da construção não se restringe ao substantivo, mas à classe nominal, incluindo-se o advérbio.

uma alocação, ela postula um alocutário” (Benveniste, 1989 [1966]), p. 84). Cuyckens, Davidse e Vandelanotte (2010) defendem que “do mesmo modo que todo uso da linguagem pode ser considerado subjetivo em um sentido geral, é intersubjetivo em um sentido geral, refletindo o impacto da situação de fala, que não envolve apenas um locutor, mas uma relação comunicativa entre falante e ouvinte” (p. 13, tradução nossa<sup>8</sup>).

Quando analisadas em sua essência, as duas perspectivas de se conceber a natureza (inter) subjetiva da língua(gem) dialogam intimamente e evocam, ambas, o pensamento bakhtiniano. Ao refletir sobre a eficiência do objetivismo abstrato para captar o ponto de vista da consciência subjetiva do locutor, o filósofo traz uma reflexão que se mostra curiosa para o estudo do processo de mudança linguística e pertinente para nossos objetivos. Sob sua óptica,

[...] para o locutor, o que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma lingüística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. [...] Mas **o locutor também deve levar em consideração o ponto de vista do receptor. [...] É impossível reduzir-se o ato de descodificação ao reconhecimento de uma forma lingüística utilizada pelo locutor como forma familiar, conhecida [...]; o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas [em] compreendê-la num contexto concreto preciso, [em] compreender sua significação num contexto particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor, pertencente à mesma comunidade lingüística, também considera a forma lingüística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo.** (Bakhtin, 1999 [1920], p. 92-3, negritos nossos)

Eis aí, talvez, as primeiras centelhas de uma concepção intersubjetiva de linguagem e de sua latência nos processos de variação e mudança linguística. Resguardadas obviamente as devidas especificidades terminológicas referentes aos quadros teóricos adotados pelos respectivos autores ora referenciados, nota-se claramente nos excertos transcritos a consciência de que o uso da língua envolve uma relação dialógica entre os dois atores envolvidos no ato enunciativo para cujo sucesso a cooperação entre ambos se impõe. Ademais, todo o processo cognitivo envolvido no uso da língua pressupõe a codificação – a cargo do falante – e a descodificação/processamento, tarefa que cabe ao interlocutor/ouvinte. Assim sendo, se o falante busca constantemente formas inovadoras para traduzir/codificar suas intenções, estas precisam ser aceitas e processadas enquanto tais pelo receptor. É nesse sentido que Traugott (2010, p. 32), ao estudar a relação entre (inter)subjetividade e gramaticalização concebe a intersubjetividade como “o ambiente contextual em que ocorre a mudança linguística e para

<sup>8</sup> Do original: “Just as all language use can be said to be subjective in a general sense, it is intersubjective in a general sense, reflecting the impact of the speech situation which not just involves a speaker but a communicative relationship between speaker and hearer” (Cuyckens; Davidse; Vandelanotte, 2010, p. 13).

o qual ela contribui” (p. 32, tradução nossa<sup>9</sup>). Na concepção da autora, a subjetificação é o mecanismo por meio do qual “significados são recrutados pelo falante para codificar e regular atitudes e crenças” (Traugott, 2010, p. 35, tradução nossa<sup>10</sup>). Assim concebida, ela pressupõe a intersubjetividade, pois, “na medida em que a subjetificação envolve o recrutamento de significados não apenas para codificar, mas também para regular atitudes e crenças, inevitavelmente envolve algum grau de intersubjetividade” (Traugott, 2010, p. 15, tradução nossa<sup>11</sup>).

No que toca especificamente à relação de tais conceitos com o processo de mudança linguística, Traugott e Dasher (2002, p. 225) propõem o seguinte *cline*:

não-/menos subjetivo > subjetivo > intersubjetivo

Vê-se, a partir do contínuo proposto, não apenas uma precedência da subjetividade no processo – já que esta procede do falante, fonte da enunciação –, mas também o protagonismo do interlocutor, que colabora com o falante na apreensão do significado pretendido (*invited inference*, nos termos de Traugott; Dasher, 2002). Tal modo de conceber a dinâmica do processo faz eco com a visão de Weinreich, Labov e Herzog (1968), para os quais a mudança pressupõe tanto a inovação quanto a adoção do conhecimento partilhado (e replicado) pela comunidade de fala, implicando que a intersubjetividade subjaz aos processos de mudança.

### 1.1. Construção como unidade básica da língua

Um dos princípios fundamentais da Gramática de Construções é o de que a unidade básica da língua é a *construção*, concebida como um pareamento forma-significado (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013)<sup>12</sup>. Como tais, as construções são unidades simbólicas, convencionais e não composicionais: “padrões frasais são considerados construções apenas se suas formas ou sentidos não são estritamente previsíveis a partir das propriedades das partes que as compõem ou de outras construções” (Goldberg, 1995, p. 4, tradução nossa<sup>13</sup>). Vê-se, pois, que não é o tamanho da forma que determina o estatuto de construção, mas o pareamento entre esta e seu

<sup>9</sup> Do original: “Intersubjectivity is the ambient context in which linguistic change takes place and to which linguistic change contributes” (Traugott, 2010, p. 32)

<sup>10</sup> Do original: “[...] meanings are recruited by the speaker to encode and regulate attitudes and beliefs (subjectification) [...]” (Traugott, 2010, p. 35)

<sup>11</sup> Do original: “[...] in so far as subjectification involves the recruitment of meanings not only to encode but also to regulate attitudes and beliefs, it inevitably involves intersubjectivity to a certain degree” (Traugott, 2010, p. 15).

<sup>12</sup> Embora Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013) especifiquem as propriedades da forma – sintáticas, morfológicas e fonológicas – e do significado – semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais – e Goldberg (1995) não o faça, o cerne do pareamento forma-significado permanece em todos os autores.

<sup>13</sup> Do original: “Phrasal patterns are considered constructions if something about their form or meaning is not strictly predictable from the properties of their component parts or from other constructions” (Goldberg, 1995, p. 4).

respectivo significado, do que se deduz que tanto um morfema quanto um sintagma podem constituir construções. Isso decorre do pressuposto assumido pela teoria de que não há distinção rígida entre léxico e gramática, antes constituem um contínuo de complexidade. Nessa perspectiva, a diferença entre construções lexicais e construções gramaticais é determinada tanto pela função quanto pelo grau de complexidade interna (Goldberg, 1995), que tende a ser mais complexo no âmbito da gramática.

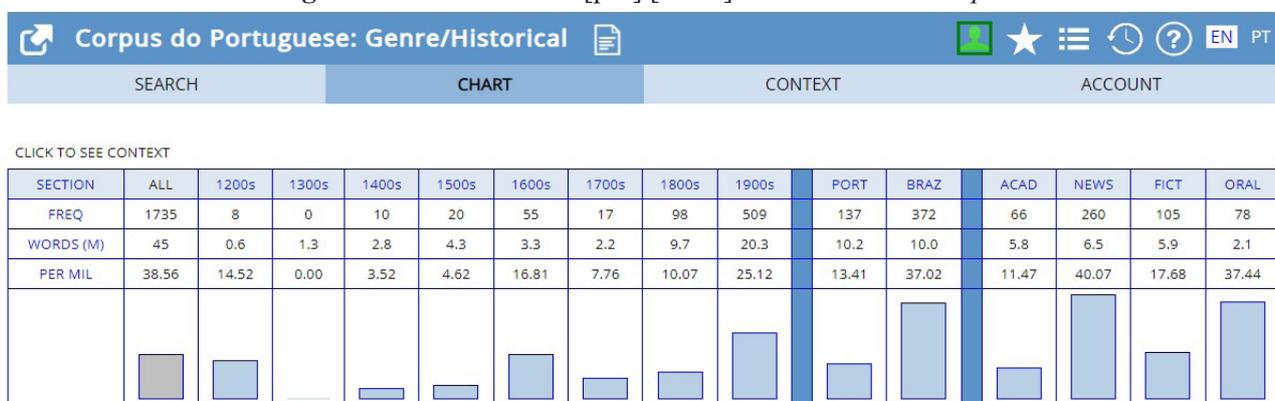
Traugott e Trousdale (2013), que propuseram um modelo teórico para a compreensão da mudança linguística a partir da noção de construções organizadas hierarquicamente em redes, defendem a existência de dois tipos de processo: (i) mudança construcional – quando a mudança afeta apenas um dos níveis do pareamento não resultando, portanto, numa nova construção – e (ii) construcionalização – quando a mudança promove alterações tanto no plano da forma quanto no do conteúdo, gerando, assim, uma nova construção. A construcionalização pode atuar tanto no plano do léxico, originando um novo pareamento forma-significado com sentido lexical, quanto no plano da gramática, processo responsável pelo surgimento de um novo pareamento com função gramatical, como é o caso da construção [por conta de(X)], que, no curso da língua, passa a relacionar dois termos nominais, estabelecendo entre eles uma relação causal.

## 2. Procedimentos metodológicos

Como nosso objetivo se volta para a descrição da mudança linguística que culminou na construção causal [por conta de(X)] no português, nosso estudo é de natureza diacrônica e se circunscreve a um intervalo de tempo que vai do séc. XIII ao séc. XX. A base de dados eleita para a coleta dos dados foi o *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), mais especificamente a base dedicada às pesquisas históricas (*genre/historical*), que contempla cerca de 45 milhões de palavras dos anos 1200 a 1900.

O procedimento de coleta dos dados adotou o sistema de busca da própria plataforma e, visando a obter o maior número de exemplares, bem como informações contextuais que nos permitissem interpretar o processo de mudança, adotamos a seguinte chave de busca: [por] [conta]. A partir dela, o sistema de busca gerou um gráfico geral de ocorrências por século, conforme figura 1 a seguir:

**Figura 1:** Ocorrências de [por] [conta] identificadas no *corpus*



Fonte: *Corpus do Português*

Eliminamos da coleta ocorrências em que o *slot* de [*conta*] era ocupado por um substantivo precedido de determinante e cujo significado correspondia a *operação aritmética* ou era uma metonímia de *terço/rosário*, como se ilustra, respectivamente, a seguir:

- (6) “Nos anos de seiscentos e oitenta de Mahamede **pela conta dos arábios**, e do nascimento de Jesus Cristo” (séc. XVI)
- (7) “[...] duas religiosas corriam os dedos pálidos **pelas contas dos seus rosários**.” (séc. XIX)

Foram igualmente eliminadas do *corpus* 70 ocorrências (15 dados do séc. XIX e 55 dados do séc. XX) correspondentes à construção lexical [por conta própria]. Embora tal construção expresse também a ideia de responsabilidade, um dos sentidos identificados na construção objeto de nosso estudo, a opção por eliminá-la dos dados se deveu à forma, já que o *slot* [de(X)] encontra-se vazio, o que entendemos tratar-se de novo pareamento forma-significado, conforme proposta de Goldberg (1995).

Eliminadas tais acepções, coletamos todos os dados obtidos pelo sistema de busca do séc. XIII até o séc. XIX. Em se tratando do século XX, o gráfico categoriza separadamente os dados do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB), acusando uma frequência maior de uso da construção no PB (cf. figura 1). Nesse século específico, restringimos a busca às ocorrências do PB.

Adotando-se os critérios de coleta ora estabelecidos, chegamos a um total de 437 (quatrocentos e trinta e sete) dados, assim distribuídos por século:

**Tabela 1:** Distribuição quantitativa dos dados por século

Século	Total de ocorrências	Porcentagem
XIII	07	1,60%
XIV	-	-
XV	08	1,83%
XVI	13	2,97%
XVII	46	10,53%
XVIII	15	3,43%
XIX	71	16,25%
XX	277	63,39%
	<b>437</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Elaboração dos autores

Os dados coletados em cada um dos oito séculos analisados foram inicialmente categorizados segundo as acepções semânticas extraídas do dicionário Houaiss eletrônico, tanto no verbete *conta* (cf. figura 2), quanto na locução *por conta de* (cf. figura 3):

Figura 2: Verbete *conta* no dicionário Houaiss eletrônico

**conta** (sXIII cf. IVPM) 

princ. loc. etim. gram.

**substantivo feminino**

- 1 ato ou efeito de contar, de calcular
- 2 operação aritmética <c. de somar> <c. de subtrair>
- 3 (sXV) pequena peça de materiais diversos (vidro, cerâmica, metal, madeira, plástico etc.), com um furo que a atravessa pelo centro, por onde se pode enfiar arame, fio de linha etc., us como adorno em colares, pulseiras, brincos, ou aplicada em bordados [Ger. é esférica, mas pode ter outros formatos.] <colar de contas>
- 4 p.met. (da acp. 3) esse tipo de peça arrumado como um terço ou um rosário
- 5 anotação das despesas feitas em restaurante, hotel, hospital etc., fornecida pelo estabelecimento e que devem ser pagas pelo responsável pela despesa
- 6 fatura que é mandada para a casa do usuário cobrando por fornecimentos de várias espécies (eletricidade, gás, água, telefone etc.) <c. de gás, de luz etc.>
- 7 m.q. **conta-corrente** (no sentido de 'inscrição em instituição bancária')
- 8 m.q. **prestação** (no sentido de 'quitação periódica') <pagar a c. do crediário>
- 9 m.q. **crediário** (no sentido de 'dívida contraída') <encerrei a c. nesta loja>
- 10 fig. dívida moral para com alguém ou a sociedade <irá pagar a Deus essa c.>
- 11 fig. conceito, reputação <ter alguém em alta (ou boa, ou má) c.>
- 12 (sXVIII) fig. atitude de respeito e consideração; atenção, deferência, importância <sempre dava c. aos mais velhos>
- 13 fig. obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros; responsabilidade <deixou todo o serviço por c. dela>
- 14 comunicação, informação <deu c. do que lhe cabia>
- 15 CONT condensação das operações financeiras e patrimoniais de uma firma, por meio de débitos e créditos, classificados segundo os tipos, apresentando os saldos a favor ou contra
- 16 PUB, MKT contrato mantido com uma agência para que esta realize serviços publicitários, promocionais ou de marketing para determinada organização, marca ou produto

**contas** : substantivo feminino plural (1500) REL

m.q. terço

Fonte: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1)

Figura 3: Locução *por conta de* no dicionário Houaiss eletrônico**por conta de**

- 1 em nome de; para deduzir de <dê-lhe dois mil por c. do seu pagamento>
- 2 por incumbência ou sob a responsabilidade de <despediu-os por c. do diretor>
- 3 mantido, financiado, sustentado por <vive por c. do marido>
- 4 a pretexto de <por c. de sua doença não vai às reuniões de condomínio>
- 5 por causa de <p. conta da nova lei, os impostos serão aumentados>

Fonte: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1)

Uma vez estabelecidas as acepções semânticas por século, estas foram agrupadas em três macroacepções segundo os três tipos de relação instanciados, a saber: (i) relações econômicas; (ii) relações sociais e (iii) relação de causa. Os dois primeiros tipos de relação correspondem a usos lexicais da construção e o terceiro configura seu uso gramatical. Identificaram-se também alguns contextos de ambiguidade nos quais havia ora uma confluência entre relações econômicas e sociais, ora uma confluência entre relações sociais e causa. Tais contextos intermediários mostraram-se relevantes para nos fornecer pistas acerca do processo de mudança que culminou na construção causal objeto deste estudo.

Os dados foram, então, quantificados por categoria, considerando-se tanto sua frequência bruta quanto sua frequência relativa. A normalização da frequência é um procedimento necessário para assegurar a confiabilidade dos resultados quando o *corpus* não é balanceado, isto é, quando apresenta

certa discrepância no número de palavras entre os textos ou entre as seções que o compõem. A frequência bruta (ou absoluta) é o número real de ocorrências de uma palavra ou construção num *corpus*. Nesse sentido, a quantificação dos dados será necessariamente impactada pelo número de palavras de cada texto ou seção do *corpus* (no caso do *Corpus* do Português, esse impacto se estabelecerá no número de palavras de cada século), ou seja, quanto maior o número de palavras de um texto ou seção do *corpus*, maior será a chance de que a palavra ou a construção que se está estudando ocorra. Em decorrência disso, adotamos um procedimento de normalização da frequência para que a distribuição dos dados fosse verificada de forma mais fidedigna. Esse procedimento forneceu-nos a frequência relativa (ou normalizada), obtida por meio da seguinte fórmula:

$$\text{frequência relativa} = \frac{\text{frequência absoluta}}{\text{n}^\circ \text{ de tokens do corpus}} \times \text{base para normalização}$$

A frequência relativa é calculada, portanto, dividindo-se a frequência absoluta de uma palavra ou construção pelo número de palavras de um texto ou de uma seção do *corpus* e, posteriormente, multiplicando-se esse número por uma base para normalização, que varia de acordo com as características de cada *corpus* (cf. Biber; Conrad; Reppen, 1998). A frequência relativa pode ser entendida, portanto, como “[...] a média das frequências da palavra em amostras hipotéticas de  $x$  tokens do *corpus*, onde  $x$  é a base para a normalização [...]” (Brezina, 2018, p. 43, tradução nossa)<sup>14</sup>. No caso deste estudo, obtivemos a frequência relativa de ocorrência da construção em cada século por meio de um *script* desenvolvido em linguagem *Python*, que tem como base de normalização o número de 1 milhão (cf. Silva, 2023). A significância estatística da distribuição dos dados naquilo que se refere à verificação se a proporção das classes (lexical e gramatical) é diferente ao longo dos séculos foi aferida pelo teste do qui-quadrado, realizado também em linguagem *Python*, com auxílio da biblioteca *SciPy* (Virtanen *et al.*, 2020). Para a visualização dos dados, utilizou-se a biblioteca *Seaborn* (Waksom, 2021).

### 3. Análise do processo de mudança da construção causal [por conta de(X)] no português

Nesta seção dedicamo-nos ao cumprimento da tarefa que motivou nosso estudo, qual seja, compreender o processo de mudança que fez com que a construção [por conta de(X)] passasse a estabelecer uma relação de causa na língua portuguesa, bem como analisar o papel da intersubjetificação nesse processo. Iniciemos nossa análise dos dados pela frequência categorial da construção estudada, o que nos permitirá identificar em qual século se processou a mudança.

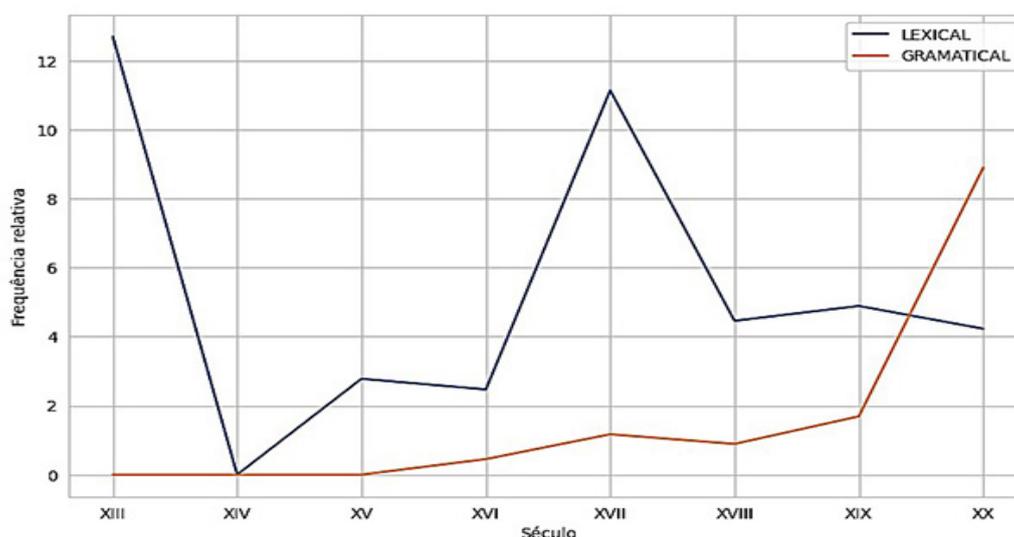
<sup>14</sup> Do original: “(...) the mean of the frequencies of the word in hypothetical samples of  $x$  tokens from the corpus, where  $x$  is the basis for normalization (...)” (Brezina, 2018, p. 43).

**Tabela 2:** Distribuição dos dados de acordo com a classe da construção: frequência bruta e frequência relativa (por milhão de palavras)<sup>15</sup>

Século	Lexical (Freq. bruta)	Lexical (Freq. rel.)	Gramatical (Freq. bruta)	Gramatical (Freq. rel.)
XIII	7	12,70	0	0
XIV	0	0	0	0
XV	8	2,78	0	0
XVI	11	2,47	2	0,45
XVII	38	11,14	4	1,17
XVIII	10	4,46	2	0,89
XIX	49	4,89	17	1,69
XX	88	4,23	185	8,90

Fonte: Elaboração dos autores

Os dados dispostos na tabela 2 mostram que o uso gramatical da construção, isto é, sua propriedade de instanciar uma relação de causa entre dois termos, surge no século XVI. Comparando-se a frequência relativa dos dois tipos de construção analisados (lexical e gramatical), percebe-se a linearidade do processo de mudança, que parece se consolidar no século XX, quando a frequência gramatical é consideravelmente superior à lexical. Dado que o resultado do teste do qui-quadrado foi estatisticamente significativo ( $\chi^2=88,69$ ,  $p=2,50 \times 10^{-18}$ ), podemos rejeitar a hipótese nula e assumir que a proporção das classes lexical e gramatical é diferente ao longo dos séculos. Os dados dispostos no gráfico 1 nos ajudam a visualizar melhor o processo de mudança:

**Gráfico 1:** Distribuição de [por conta de(X)] de acordo com a classe ao longo dos séculos

Fonte: Elaboração dos autores

<sup>15</sup> Os dados ambíguos entre uma leitura lexical e uma leitura gramatical (“em favor de ~ causa”, por exemplo) não foram computados nesta tabela (cf. tabela 3).

A frequência relativa dos dois tipos de construção ao longo dos séculos mostra uma oscilação nos usos lexicais e uma ascendência do uso gramatical a partir do século XVI, com uma leve queda no séc. XVIII. A primeira metade do século XIX é o marco da intersecção entre os dois usos, havendo uma expansão do uso gramatical no século XX, acompanhada de uma queda nos usos lexicais, fato que atesta a construcionalização de [por conta de(X)], já que emerge na língua um novo pareamento forma-significado para estabelecer uma relação de causa entre dois termos.

Considerando-se que, conforme Silva (2012)<sup>16</sup>, “tal como muitas outras mudanças linguísticas em geral e toda a mudança semântica em particular (ver Silva 2008a), envolve não só factores pragmático-discursivos, mas também factores cognitivos” (Silva, 2012, p. 7-8), passemos, a partir dos dados dispostos na tabela 3 e no gráfico 2, à análise do deslizamento semântico da construção [por conta de(X)] ao longo dos séculos, no intuito de entender as origens desse novo pareamento no português:

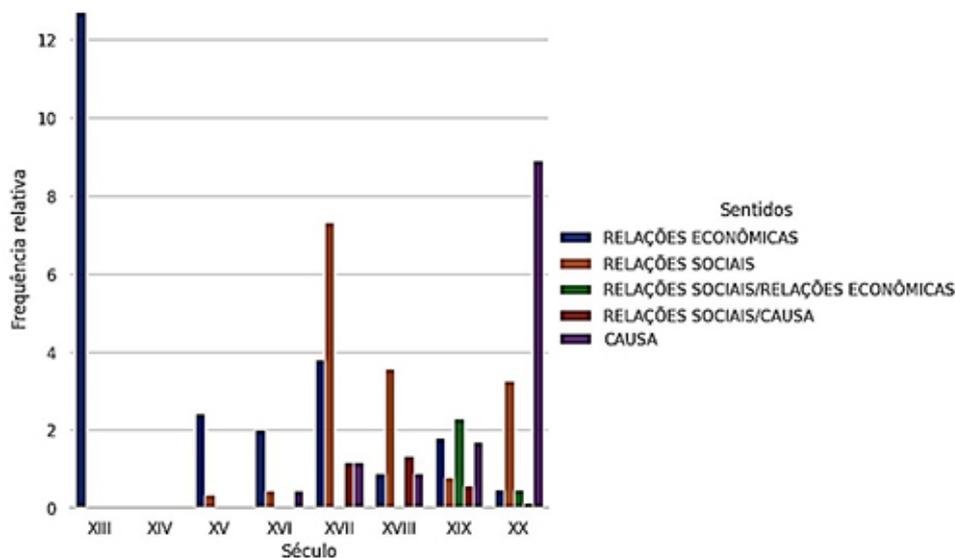
**Tabela 3:** Distribuição dos dados de acordo com os sentidos da construção: frequência bruta e frequência relativa (por milhão de palavras)

Século	Relações econômicas	Relações sociais	Relações sociais/ec.	Relações sociais/causa	Causa
XIII	7 [12,7]	0 [0]	0 [0]	0 [0]	0 [0]
XIV	0 [0]	0 [0]	0 [0]	0 [0]	0 [0]
XV	7 [2,43]	1 [0,34]	0 [0]	0 [0]	0 [0]
XVI	9 [2,02]	2 [0,45]	0 [0]	0 [0]	2 [0,45]
XVII	13 [3,81]	25 [7,33]	0 [0]	4 [1,17]	4 [1,17]
XVIII	2 [0,89]	8 [3,57]	0 [0]	3 [1,34]	2 [0,89]
XIX	18 [1,79]	8 [0,79]	23 [2,29]	6 [0,59]	17 [1,69]
XX	10 [0,48]	68 [3,27]	10 [0,48]	3 [0,14]	185 [8,90]

**Fonte:** Elaboração dos autores

<sup>16</sup> Cf. também Silva (2015).

**Gráfico 2:** Relações semânticas de [por conta (de)] ao longo dos séculos: frequência relativa (por milhão de palavras)



Fonte: Elaboração dos autores

O sentido etimológico da construção [por conta de(X)] e que corresponde a seu uso mais concreto diz respeito a noções relacionadas ao universo da economia, preponderantemente identificados no século XIII, em dados da construção [per conta], que exibem o sentido de valor/quantia de algum pagamento para abatimento do valor total de algum negócio efetuado entre as partes envolvidas, por meio de uma transação financeira:

- (8) Séc. XIII: [per conta] {relações econômicas}
- a. “E se os dñeyros ou ouro ou prata recebeo s o sarradura e ñ **per conta**, ñe per peso, ñe seya ousado dos tomar”.
  - b. “E isto mandamos nos emprestidos que ñe son **per conta** ou per medida ou per peso”.

Tal sentido é oriundo do próprio significado da palavra *conta* (do latim *computus* ‘cálculo, conta’) e se mostra o mais produtivo até o séc. XVI. O sentido instanciado pela construção [por conta de(X)] em seus primeiros estágios se restringe, portanto, à expressão de traços associados a noções econômicas, do campo financeiro, como ilustra ainda o exemplo (9) abaixo, cujo significado remete ao superfaturamento dos senhores dos engenhos com a produção de cana-de-açúcar. Nesse contexto, a construção é ainda bastante composicional e o nome *conta* tem o sentido de titularidade de escrituração para fins de movimentação financeira de algum indivíduo; no caso, dos senhores dos engenhos, que realizavam movimentação financeira oriunda da comercialização do açúcar produzido pela mão de obra escrava nos engenhos.

## (9) Séc. XVI: [por conta de(X)] {relações econômicas}

“Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes mui avantajados, porque um engenho lavra no ano quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino **por conta dos** mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos por dez anos de açúcar que mandam por sua conta, e estes dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem três em dobro”.

A partir do século XV, emerge um processo de mudança semântica, que promove uma extensão dos sentidos associados estritamente ao universo das relações econômicas para o campo das relações sociais, isto é, um domínio mais amplo de expressão das atividades humanas, conforme ilustra este dado:

## (10) Séc. XVI [por conta de(X)] {relações sociais}

“E de todas as outras Provincias, desdo Ganges até a China, davam de todas as fazendas, que naquela Cidade entrassem, a quarta parte a ElRei pela avaliação da Alfandega, e esta avaliada por seus Oficiais, que sempre punham o que valia doze em oito; e que lhes pagariam em outras fazendas, também por avaliação dos mesmos Oficiais que sempre a faziam de feição, que nela ganhavam aqueles Reis a vinte por cento. Isto montava muito áqueles Reis pela grande cópia de navios, e fazendas, que todos os anos iam áquele porto; e a estes costumes chamavam na sua língua, Bullubulião, que se foram também arrecadando **por conta d’ElRei**, pagando-lhes as fazendas em outras, que os Governadores da India mandavam todos os anos pera isso”.

O trecho descreve o sistema de tributação de mercadorias [fazendas] que entravam numa cidade asiática, por meio do qual o rei de Portugal que, na época, detinha o domínio da região, obtinha muitos lucros. Nota-se que o sentido de [por conta de] já não remete mais à noção de titularidade de uma escritura para fins de transações financeiras, mas sim a uma faceta de uma relação social estabelecida mediante a posição hierárquica que o rei ocupa numa escala social e que lhe permite obter vantagens que lhe são concedidas pela imposição materializada pelo domínio territorial levado a cabo pelo sistema político-institucional de expansão, dominação e supremacia monárquicas. A construção em negrito pode ser parafraseada, por conseguinte, como “[...] que se foram arrecadando *em favor d’ElRei*”, fazendo pressupor que o apreço ou que a consideração<sup>17</sup> pelo Rei ou por aquilo que sua figura representava motivava, em alguma medida, a arrecadação.

<sup>17</sup> Semelhante valor é ainda produtivo na contemporaneidade em contextos como este: “O ator ainda deixou no ar a ideia de que Tiago Leifert não tem talento e que só estaria na TV Globo **por conta do** seu pai, que faz parte do quadro de diretores da emissora”. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/12/14924646-fogo-no-parquinho-icaro-silva-insinua-que-tiago-leifert-so-esta-na-globo-por-conta-do-pai-veja-o-que-ele-disse.html>. Acesso em: 12 fev. 2024, negritos nossos.

No século XVII, emerge outro sentido da construção [por conta de(X)], pertencente ainda ao mesmo campo das relações sociais: trata-se da expressão da ideia de responsabilidade, como ilustra o dado (11):

(11) Séc. XVII [por conta de(X)] {relações sociais}

“Tem obrigação os Meirinhos, e Alcades, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulam, e passaõ por tudo, pelo dobraõ, e pela pataca, que lhes metem na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre **por conta dos** guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivais, coutadas, que não as destruaõ os gados alheos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, que ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas”.

Nesse trecho, o emprego da construção [por conta de] imputa aos guardas e aos rendeiros a responsabilidade pela proteção das terras de seus respectivos proprietários, embora, não raro, fossem coniventes com a exploração alheia dessas mesmas terras, uma vez que poderiam obter lucros com isso. A paráfrase mais adequada para ilustrar esse outro sentido seria “corre *sob a responsabilidade* dos guardas e rendeiros a defesa dos pastos [...]”, uso que não se aproxima do sentido etimológico mais concreto da construção<sup>18</sup>.

Consideramos que esse dado ilustra um caso de subjetificação nos termos de Traugott (2010), uma vez que, por meio desse mecanismo de mudança semântica, o falante usa uma construção que revela sua crença a respeito de quem se responsabiliza pela defesa da terra e das propriedades que nela se encontram, evitando-se uma afirmação de ordem mais neutra e categórica como, por exemplo, “os guardas e rendeiros defendem os pastos [...]”. Esse construto (Traugott; Trousdale, 2013) subjetificado constitui, desse modo, uma estratégia de preservação da face do locutor, na medida em que o isenta de qualquer responsabilidade em relação ao impacto que o conteúdo de uma afirmação mais categórica possa eventualmente causar em seu interlocutor. Note-se que a subjetificação, nesse caso, só é possível a partir da abstração semântica resultante da extensão de sentido para o campo das relações sociais, domínio mais propício para a emergência de marcas subjetivas no enunciado.

O dado (12) reforça o processo de subjetificação ilustrado no exemplo anterior. O trecho apresenta, num diálogo apologético, uma crítica a uma medida do governo português que exigia que o bagaço da azeitona fosse remoído para que se tentasse extrair dele ainda mais azeite. Tal ação ficaria

<sup>18</sup> Observe-se que esse sentido é usado corriqueiramente em contextos nos quais alguém encarrega outrem de realizar alguma tarefa, estabelecendo-se assim um compromisso entre as partes: “O bolo ficará **por conta da** Maria, já os doces e os salgados ficarão **por conta do** João”, ou seja, ficará *sob a responsabilidade da* Maria a compra do bolo, bem como ficará *sob a responsabilidade do* João a compra dos doces e dos salgados, para a realização da festa. Esse é, aliás, o sentido que legitima, segundo os mais puristas (cf. orientações do *Guia do Estudante*, cuja referência se encontra na nota 6), o emprego da construção [por causa de] cuja paráfrase é “a cargo de” (relação social) ou “à custa de” (relação econômica). Outro uso que ilustra o sentido relativo ao domínio das relações sociais é a construção cristalizada [por sua conta]: “Ande rápido porque não estou **por sua conta**”, isto é, realize a sua tarefa imediatamente porque não estou *ao seu total e absoluto dispor*.

sob a responsabilidade da Fazenda Real. Mais uma vez, portanto, é possível observar não apenas a extensão de sentido do domínio das relações econômicas para o campo das relações sociais, como também o mecanismo de subjetificação da construção [por conta de(X)]: ficava *a cargo da (sob a responsabilidade)* Fazenda Real remoer o bagaço da azeitona, do que poderia obter alguma vantagem:

(12) Séc. XVII [por conta de(X)] {relações sociais}

“Basta, que dessa maneira se governa o mundo, ou há quem queira governá-lo! Fonte Velha - Mas, se cuidáreis que são fábulas?! sendo vivos entre nós os Directores do Bagaço, que foi ainda pior que isto, metendo um não sei quem em cabeça a certos Ministros de Portugal que tomassem para a fazenda de el-Rei o bagaço da azeitona, para que, remoído **por conta** da Fazenda Real, tornasse a dar azeite, que ficaria livre a el-Rei com grande utilidade”.

No século XVIII, já está fixado um sentido que se vinha processando desde o século XVI, e que culmina na construcionalização de [por conta de(X)], para a expressão da noção gramatical de causa. O dado (13) mostra uma argumentação contra as apreciações de um indivíduo denominado no texto como “Crítico” que, segundo o autor, tece termos acres para as obras de certos autores, sobretudo as de Chagas, a quem o Crítico, segundo o autor, deveria respeitar por ser um homem [Varaõ] de vida canonizável, motivo suficiente para que suas obras amorosas não fossem censuradas. O sentido de causa resulta de uma abstração das noções expressas no campo das relações econômicas (não subjetivas) e das relações sociais (subjetivas) e o construto não é mais composicional, podendo ser parafraseada, neste exemplo, como “[...] muito mais censurando as suas obras amorosas, **por causa das** quais fez tão ásperas penitências”.

(13) Séc. XVIII [por conta de(X)] {causa}

“O Crítico não poderá negar, que sem reбуço algum trata com termos muito acres aos nossos mais distintos Autores, nomeando os pelos seus proprios nomes, como o Camoens, o Vieira, o Chagas, &c. e a respeito deste ultimo Autor nasce mayor escandalo; porque com o sobrenome de Chagas he hum Varaõ de vida canonizavel, e não devia motejallo o Crítico, usando deste appellido, muito mais censurando as suas obras amorosas, **por conta das** quaes fez taõ asperas penitencias”.

Em função de o falante expressar, por meio da construção, seu intuito de fornecer ao destinatário alguma motivação para o conteúdo veiculado, ocorre, nesse tipo de uso, um caso de intersubjetificação, entendido como o mecanismo por meio do qual uma construção já subjetificada “pode ser recrutada para codificar sentidos centrados no destinatário [...]” (Traugott, 2010, p. 35, tradução nossa<sup>19</sup>). Com base nesses dados diacrônicos e no deslizamento semântico ora descrito, estamos propondo que o uso intersubjetificado da construção [por conta de(X)] tenha se desenvolvido a partir de um

<sup>19</sup> Do original: “[...] may be recruited to encode meanings centred on the addressee [...]” (Traugott, 2010, p. 35).

uso já subjetificado, qual seja, o de expressar relações sociais. Essa hipótese pode ser atestada pela existência de dados ambíguos entre uma leitura que expressa o domínio das relações sociais e uma leitura convencionalizada de causa, conforme se ilustra a seguir:

(14) Séc. XVII [por conta de(X)] {relações sociais/causa}

“[...] o que bem poderá relevarme da censura, quando neste me alargue, mais do que quisera ao fervor dos leitores; a quem em vez da elegancia (alhea, ou escusa) ofereço a verdade das cousas, e a incorrupção dos affectos: de que não duvidará, quem conhecer, servem de materiaes, a esta obra, os proprios avisos, cartas, e informaçoes dos Cabos, que obrarão a empreza. Cõ os quaes (igualmête q cõ seus êmulos) eu estou naquella desejada igualdade, raras vezes conseguida de outro, que haja escrito historia de homens viventes. Não tomarei (como costumão os historiadores) **por conta de** meu juizo os secretos dos Principes; nẽ por ostentar misterios, inteligencias, e confianças, passarei do necessario ao incompetente”.

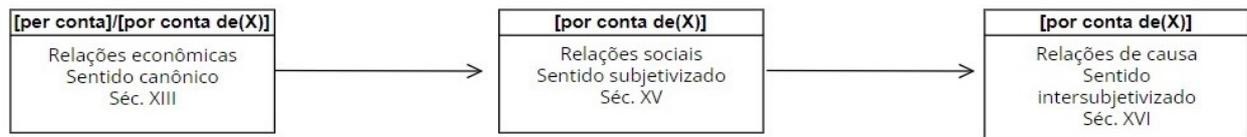
Nesse trecho, o autor se defende de possíveis críticas alegando que oferece a verdade das coisas por meio de fontes confiáveis de indivíduos que participaram dos fatos. Ele ainda diz que não adotará o costume dos historiadores, que tomam, sob sua responsabilidade ou por causa do seu juízo, os segredos dos príncipes. A construção [por conta de meu juízo] é, pois, ambígua entre uma leitura que enaltece a responsabilidade de o autor não tomar os segredos dos príncipes e uma leitura que fornece a causa de ele não realizar tal ação, cabendo ao destinatário a interpretação de uma ou outra acepção.

A possibilidade de se deslocar para o início do período o constituinte causal introduzido pela construção [por conta de(X)], uso, aliás, muito comum no século XX, evidencia de modo mais claro que a construcionalização de [por conta de(X)] como instanciadora de uma relação gramatical de causa deixa entrever o mecanismo de intersubjetificação por meio do qual se estabelece um sentido precípua ao interlocutor. Observe-se que, no dado (15), a supressão do constituinte causal não compromete a legibilidade do enunciado, não obstante ele se faz presente não apenas para especificar textualmente o motivo da compra de três carteiras imobiliárias pela Caixa, mas, sobretudo, para dar a conhecer ao interlocutor tal motivo. Dessa forma, é centrado na relação com o interlocutor que o constituinte causal, em posição deslocada, emerge como uma construção intersubjetiva na língua.

(15) Séc. XX [por conta de(X)] {causa}

“**Por conta da crise**, a Caixa comprou, só em Pernambuco, três carteiras imobiliárias de instituições financeiras liquidadas pelo Banco Central - Econômico, Banorte e Bamerindus - e recebeu, como cessão, as carteiras da Associação de Poupança e Empréstimo de Pernambuco (Apepe) e da Tabajara”.

Em face da análise diacrônica desenvolvida, estamos, pois, em condições de sistematizar o processo de mudança que resultou num novo pareamento forma-significado para instanciar relações de causa no português. A figura 4, a seguir, sintetiza nossa proposta:

**Figura 4:** Processo de mudança da construção [por conta de(X)] no português

**Fonte:** Elaboração dos autores

Do séc. XIII ao séc. XVI, a construção [por conta de (X)] era empregada na língua portuguesa predominantemente para instanciar relações econômicas, ligadas ao sentido etimológico do substantivo *conta*. Trata-se, portanto, de um uso mais concreto e não subjetivo, em que o pareamento forma-significado era mais composicional e mais transparente. A partir do século XV, observa-se uma abstração dos usos, que se estendem do campo das relações econômicas, para o das relações sociais. Nesse processo de deslizamento semântico, a construção adquire sentidos outros, ligados a relações de apreço/consideração e de responsabilidade, tornando-se, assim, mais opaca. Tais sentidos denotam subjetividade, já que são mobilizados pelo falante para veicular atitudes e crenças, ao mesmo tempo em que evocam intersubjetividade. Isso porque ao interlocutor cabe o papel de compreender esses novos usos num contexto particular, valendo-se, para tanto, de seu pertencimento à mesma comunidade linguística do falante. Assim é que, no séc. XVI, emerge no português um novo *type* da classe dos conectores lógicos representado pela construção [por conta de(X)]<sub>causal</sub>. As noções de apreço/consideração e de responsabilidade, que denotam relações sociais abstraídas do sentido concreto do substantivo *conta* (relação econômica), passam a ser concebidas como a fonte, a origem e, por conseguinte, o motivo, estabelecendo, assim, uma relação de causa entre dois termos nominais, conforme se ilustra a seguir:

(16) Séc. XVIII [por conta de(X)] {relações econômicas, relações sociais, causa}

“Foy chamado ao Apostolado juntamente com seu Irmaõ, e a ambos chamou Christo Boanerges, isto he, filhos do Trovaõ. hum, e outro foraõ dos mais favorecidos do Divino Mestre; Assistiraõ com Pedro às glorias de Thabor, e à Oração do Horto. **Por conta do** estreito parentesco, que tinhaõ com Christo, se atrevo sua mãy a pedir ao mesmo Senhor lhe desse as Cadeiras de seus lados. Prégou em Judea, samaria, e depois em Hespanha, e Portugal”

Nesse excerto, é possível vislumbrar nuances das três relações propostas. Ainda que de modo pouco transparente e, portanto, abstrato, a construção [por conta de(X)] pode evocar resquícios de uma relação econômica, ao sugerir que o “estreito parentesco com Cristo”, expressão metafórica para simbolizar relação próxima, pode ser tomado como crédito para a transação pretendida (a concessão das Cadeiras ao lado do Senhor). Por se tratar de permuta não material, tal crédito pode ser interpretado no plano das relações sociais, significando apreço, consideração, influência. Nesse contexto, o falante

busca se valer do prestígio que uma estreita relação com Cristo pode lhe propiciar para obter as graças que deseja. Por fim, no plano da intersubjetividade, o aludido “estreito parentesco com Cristo” pode ser tomado como o motivador (a causa, portanto) capaz de encorajar a mãe a pedir o benefício pretendido, instaurando, assim, a relação de causa, que se mostrou, em nossos dados, a mais produtiva no séc. XX. Dado que o processo de mudança linguística é lento e gradual e que, no caso em estudo, não há concorrência entre as formas, senão coexistência de relações que se dispõem ao longo de um *continuum* de abstração, é natural e previsível que os três tipos de relação identificados convivam na língua em graus distintos de produtividade. Além disso, espera-se que essas formas entrem em processo de concorrência com outras que se equivalham funcionalmente, como é o caso de [por conta de(X)] e de [por causa de(X)]. Não se trata, contudo, de eleger qual das duas é a construção correta para traduzir a relação de causa, mas de reconhecer a (inter)subjetividade dos usos.

## Considerações finais

Motivados pela alta frequência da construção [por conta de(X)] para instanciar relações de causa no português, propusemo-nos, nos domínios deste artigo a analisar o processo de mudança linguística que culminou nesse pareamento forma-significado na língua, pautando-nos, para tanto, numa abordagem intersubjetiva de língua(gem) (Traugott, 2010; 2014) e, conseqüentemente, de mudança linguística. Para alcançarmos tal objetivo, empreendemos um estudo de natureza diacrônica cujos dados foram coletados na base de dados do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006) no período compreendido entre os séculos XIII e XX. Estabelecidos os critérios de coleta e de análise dos dados (Cf. seção 2), chegamos a um total de 437 (quatrocentos e trinta e sete) dados. Esse quantitativo de exemplares foi normalizado com base em um *script* desenvolvido em linguagem *Python*, adotando como base de normalização o número de 1 milhão. A significância estatística das frequências lexicais e gramaticais do pareamento em estudo foi calculada com base no teste do qui-quadrado realizado também em linguagem *Python*, com auxílio da biblioteca *SciPy* (Virtanen *et al.*, 2020). Visando a recuperar o processo de mudança semântica que deu origem à relação gramatical de causa, identificamos, numa primeira etapa, os sentidos dos 437 dados integrantes de nosso *corpus* tomando por parâmetro as acepções semânticas listadas pelo dicionário Houaiss eletrônico ([https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1)) e, em seguida, reagrupamos tais sentidos segundo três tipos de relação identificadas: (i) relações econômicas; (ii) relações sociais e (iii) relação de causa.

A análise empreendida revelou que, no séc. XIII, [por conta de(X)] era empregada apenas em seu sentido concreto, ligado a *cálculo* ou *operação financeira*. Seu uso limitava-se, portanto, ao campo das relações econômicas. A partir do séc. XV, nota-se um processo de abstração e extensão dos usos do campo das relações econômicas para o campo das relações sociais. Nesse contexto, emergem as noções de responsabilidade/financiamento e de apreço/consideração, fruto da subjetificação do falante, que visa a codificar suas atitudes e crenças. O uso da construção [por conta de(X)] com valor

causal surgiu na língua no séc. XVI, a partir de um mecanismo de intersubjetificação, por meio do qual uma construção já subjetificada passa a codificar sentidos centrados no interlocutor. O *continuum* da mudança pode, pois, ser assim sintetizado:

[por conta de(X)]LEXICAL	>	[por conta de(X)]LEXICAL	>	[por conta de(X)]CAUSAL
relações econômicas	>	relações sociais	>	relação de causa
não-subjetiva	>	subjetiva	>	intersubjetiva

Identificado o percurso da mudança que culminou na emergência de um novo pareamento forma-significado [por conta de(X)] para instanciar relação de causa no português, bem como um aumento paulatino de sua frequência nessa função na língua ao longo dos séculos, há que se admitir seu processo de variação e concorrência com a variante [por causa de(X)]. Não constituiu objetivo deste estudo analisar tal processo, tampouco especular acerca da vitória de uma das variantes, senão registrar sua existência e legitimidade na língua. Fica, pois, para estudo futuro a análise dessa concorrência.

## Referências

- AIJMER, Karin. Contrastive Pragmatics and Corpora. *Contrastive Pragmatics: A Cross-Disciplinary Journal*, v. 1, n. 1, pp. 28-57, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/26660393-12340004>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1920].
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989 [1966].
- BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BOYE, Kaspar; HARDER, Peter. (Inter)subjectification in a functional theory of grammaticalization. *Acta Linguistica Hafniensia*, v. 46, n. 1, pp. 7-24, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03740463.2014.950073>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- BREMS, Lieselotte. Intersubjectivity and Intersubjectification. In: WEN, Xu; TAYLOR, John R. (org.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. New York; London: Routledge, 2021. pp. 333-343.
- BREZINA, Vaclav. *Statistics in Corpus Linguistics: A Practical Guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, Joan. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, Michael (org.). *The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. Vol. 2. Mahwah; London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. pp. 145-167.

- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUYCKENS, Hubert; DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven. Introduction. In: DAVIDSE, Kristin, VANDELANOTTE, Lieven, CUYCKENS, Hubert (org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 1-28.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: Historical Genres*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ENFIELD, Nick; SIDNELL, Jack. *Consequences of language: From primary to enhanced intersubjectivity*. Cambridge: The MIT Press, 2022.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- JARRETT, Dylan; AMARAL, Patrícia. Usage-Based Approaches to Semantic Change. In: DÍAZ-CAMPOS, Manuel; BALASCH, Sonia (org.). *The Handbook of Usage-Based Linguistics*. Hoboken: Wiley, 2023. pp. 435-454.
- LINELL, Per. Interactivities, intersubjectivities and language: On dialogism and phenomenology. *Language and Dialogue*, v. 4, n. 2, pp. 165-193, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/ld.4.2.01lin>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- LÓPEZ-COUSO, María José. Subjectification and Intersubjectification. In: JUCKER, Andreas H.; TAAVITSAINEN, Irma (org.). *Historical Pragmatics*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 127-164.
- SILVA, Augusto Soares da. Gramaticalização, reanálise e subjetificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mouviraldo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *História do Português Paulista*. Série Estudos Vol. III. Campinas-São Paulo: UNICAMP/Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. pp. 25-44.
- SILVA, Augusto Soares da. Subjetificação, objetificação e (des)gramaticalização nas construções completivas infinitivas em português, em comparação com outras línguas românicas. In: ENGWALL, Gunnel; FANT, Lars (org.). *Festival Romanistica. Contribuciones lingüísticas – Contributions linguistiques – Contributi lingvistici – Contribuições linguísticas*. Stockholm: Stockholm University Press. 2015, pp. 64-91.
- SILVA, Luis Filipe Lima e. *Corpus do Português Relative Frequency Calculator*. v. 1.0 [software], 2023.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, Kristin, VANDELANOTTE, Lieven, CUYCKENS, Hubert (org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 2010. pp. 29-74.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, Lieselotte; GHESQUIÈRE, Lobke; VAN DE VELDE, Frank (org.). *Intersubjectivity and Intersubjectification in Grammar and Discourse: Theoretical and descriptive advances*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2014. pp. 7-28.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A historical constructionalist perspective on pragmatics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIRTANEN, Pauli *et al.* SciPy 1.0: Fundamental Algorithms for Scientific Computing in Python. *Nature Methods*, v. 17, n. 3, pp. 261-272, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41592-020-0772-5>. Acesso em: 12 fev. 2024.

WAKSOM, Michael L. Seaborn: Statistical Data Visualization. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 60, pp. 1-4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21105/joss.03021>. Acesso em: 14 fev. 2024.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations of a theory of language change. In: LEHMAN, Winfred Philip; MALKIEL, Yakov (org.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. pp. 95-188.